

DIÁRIO DE NOTÍCIAS		COMÉRCIO DO PORTO	
PORTUGAL HOJE	-2 MAR. 1980	DIÁRIO POPULAR	
CORREIO DA MANHÃ		DIÁRIO DE LISBOA	
DIA		CAPITAL	
DIÁRIO		TARDE	
A TRIBUNA			
PRIMEIRO DE JANEIRO			
JORNAL DE NOTÍCIAS			

Fernando Lopes em entrevista ao «Portugal Hoje»

Fomos sacrificados aos tubarões da «AD»

Luís Marques/Maria Amélia Brown

«Nós por cá todos Lopes», responde o funcionário da RTP a alguém que, do outro lado da linha telefónica, lhe pergunta como vão as coisas. O Lopes, no caso, é o Fernando, ou seja, o Fernando Lopes. Conhecem-no certamente. «Belarmino», «Uma Abelha na Chuva», «Nós por cá todos bem», RTP-2, dão-lhe o espaço na nossa memória colectiva.

Estamos no oitavo andar das novas instalações da RTP, na Avenida 5 de Outubro. A confusão habitual das mudanças, as salas vazias, os móveis amontoados, o «monstro» a quem se começa a insuflar vida. Penso, vai ser uma entrevista agitada. Engano-me.

Na minha frente está um homem calmo, afável, aparentemente alheio da agitação que reina na «casa». E no entanto, ele acaba de ser demitido de director do Canal Dois da RTP, o «seu canal», uma obra nova em termos televisivos, uma experiência inovadora com chancela Fernando Lopes. Demissão é favor, saneado é o termo exacto.

«Estamos em mudanças», diz-nos, «não disponho de muito tempo». Pegamos na deixa. Mudança, o que foi e o que é mudança na RTP? Como começou e qual o papel do segundo canal nessa mudança?

Um princípio e o 11 de Março

O meu princípio é que, se uma «coisa» como a televisão não é capaz de olhar para o poder com uma certa independência, então a televisão não é televisão mas é apenas a «voz do dono», e como «voz do dono» não me interessa. Seja ele qual for o dono, não penso que haja donos melhores que outros.

Este o princípio que define uma personalidade e caracteriza uma actuação. Serve aqui como cartão de visita, para entrarmos no princípio daquilo que foi a RTP-2. Vamos ao 11 de Março.

Estamos no 11 de Março, o major Eanes é saneado da televisão, pelo Partido Comunista e eu, que na altura fazia parte de um grupo que o aconselhava, juntamente com o Benard da Costa, José Estevão Sasportes, Vasco Pulido Valente, Rui Mário Gonçalves, Eduardo Prado Coelho, estive para vir dirigir um segundo canal autónomo da televisão. Simplesmente, essa nomeação veio no 11 de Março e não se chegou a fazer o segundo canal. Tenho a impressão que é a primeira vez que estou a dizer isto, que é um pouco da história do segundo canal.

O papel da minha nomeação foi-me entregue pelo então Major Eanes que ia a sair, já de pasta em punho, e me diz: «eu vou-me embora mas você fica nomeado como estava previsto». E eu disse-lhe, «não, nestas condições, não fico, porque isto de fazer um segundo canal autónomo que vai dar voz a outras tendências», nós na altura tínhamos consciência que o primeiro canal era extremamente sectário, era uma gestão de aparelho ideológico do Estado, o que nós contestávamos «exige condições, e sendo você saneado eu não posso aceitar uma coisa destas, que só é possível quando existe na administração uma pessoa que tem inteira confiança em nós». E tinha razão porque a seguir ao Major Eanes vieram para aqui 15 administradores diferentes e uns 20 directores de programas.

Esta uma página da história do canal dois. Mais tarde o regresso em força, com Soares Louro, de quem se faz o elogio.

Só regresso à televisão quando vem o João Soares Louro. Por várias razões: em primeiro lugar porque somos grandes amigos, somos como irmãos; segundo, eu tenho uma grande consideração profissional pelo Soares Louro, que é um dos grandes profissionais de televisão deste país, com um nível internacional; em ter-

ceiro lugar o João acena-me com a hipótese de finalmente fazermos um segundo canal autónomo, alternativo e até competitivo com o primeiro, ideia que me interessou. A ideia pareceu-me, até, vital na altura, porque o público precisa de ter uma alternativa, e porque se a televisão não ocupa esse espaço as pressões que já na altura existiam iam fazer com que alguém um dia exigisse a venda desse espaço, o que me parece perigoso, porque a democracia não deve dar armas àqueles que querem mudar o regime. E de facto agora está à vista que era importante, porque nós na altura já sabíamos da RTI e da TV-Globo, que aliás é uma ideia que já vem detrás e que sempre teve cá dentro os seus laços.

Em jeito de balanço

O segundo programa arranca, levou ano e meio de experiência. Interrompida agora no que respeita ao seu projecto original. Que balanço?

Na área da programação nem todos os objectivos foram atingidos, até porque nem sequer tivemos tempo para isso, mas o essencial foi atingido e deu uma ideia daquilo a que se poderia chegar. Por exemplo quando eu vim para aqui uma coisa que ficou decidida com o João Soares Louro foi que a RTP-2 iria privilegiar sempre que possível a produção portuguesa, no sentido de que ela iria dar lugar a uma programação diferente da RTP-1, isto é, ela iria criar um espaço muito aberto, não sectário, onde pessoas das mais variadas proveniências ideológicas se poderiam exprimir, através do cinema, do vídeo, do teatro, da música, onde não havia nomes proibidos. A mim parecia-me incrível que uma pessoa como o Zeca Afonso há três/quatro anos não viesse à televisão, isto para dar um exemplo. À RTP-2 ele veio várias vezes e eu sinto-me muito contente com isso porque não me parece que este país seja tão rico que possa dispensar um homem como o Zeca Afonso, mesmo que eu não esteja de acordo com ele politicamente. Mas acima de tudo a minha ideia neste domínio é que a RTP é como uma espécie de Construção Civil para a Economia. Quando a RTP parar, como agora se anuncia, porquanto ela vai reduzir drasticamente as encomendas, muito do que é a vida cultural e artística portuguesa, no campo da música, do cinema e do teatro, pelo menos, vai sofrer grandes consequências. Ora a RTP-2 serviu de equilibrador de toda essa gente, para além de que prestou um serviço à colectividade, restituindo-lhe através de artistas seus um certo imaginário português, que muitas vezes não estava bem realizado. Como dizia um amigo meu da televisão venezuelana, entre um mau programa venezuelano e um

bom programa americano, eu prefiro o mau programa venezuelano. Ora este era o meu princípio.

Aqui fica caracterizada uma actuação. Como espaço a abertura ideológica, a negação do sectarismo, como objectivo fazer da experiência RTP-2 um ponto de encontro da própria vida e cultura portuguesas, naquilo que ela tem de bom e de insuficiente, não apenas pelo que a televisão significa por si própria, mas acima de tudo pelo que acciona. Para além disso a procura da qualidade. Outras iniciativas realçadas por Fernando Lopes. No domínio dos programas estrangeiros a preocupação de escolher os melhores, como foi o caso da série «Holocausto», «1 Claudius», «Na da Incerteza» de Kenneth Galbraith, fugindo à monopolização que os programas americanos em geral têm na nossa programação televisiva; em termos musicais uma selecção criteriosa com um ponto alto na apresentação da ópera «Lulu» de Alban Berge, um dos grandes acontecimentos musicais do século. Mas chegamos à informação, e aqui de novo a palavra a Fernando Lopes.

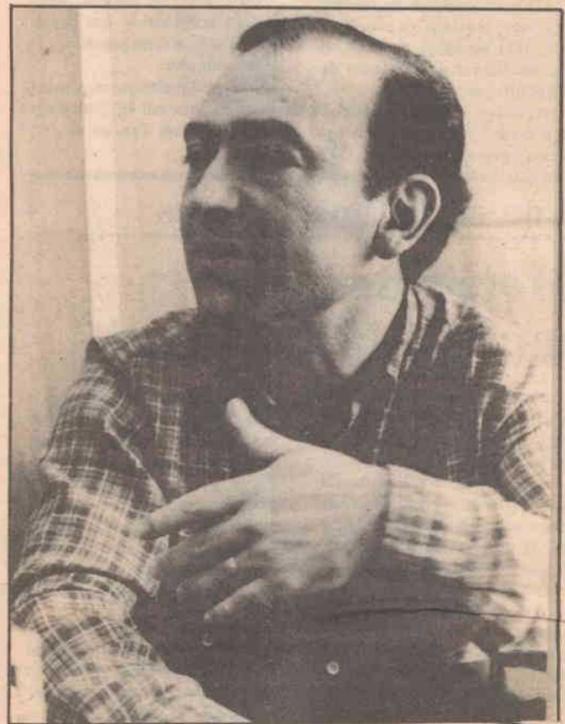
No domínio da informação a alternativa em relação à RTP-1 foi mais visível e mais clara. A informação-2 era de facto uma alternativa clara a uma informação oficial, demasiado respeitosa, que ainda hoje é, e não estou a dizer que isto é por culpa dos profissionais que lá estão, resultado um pouco, do peso do próprio canal e das relações envenenadas e falsas que sempre se estabeleceram entre a RTP e o poder. A informação-2 conseguiu criar um novo estilo, levantou problemas, não poupou ninguém quando era caso disso, e não é por acaso que o Hernâni Santos, alma da informação-2, tenha dito que nunca teve tão boas condições de liberdade como naquela experiência. Na verdade no domínio dos princípios, dos objectivos e do projecto essas condições existiam e conseguiram formar de facto uma excelente equipa, aliás escolhida pelo próprio Hernâni Santos, sem quaisquer pressões ou exigências.

Agora a massificação e o deserto

Bom, mas a experiência terminou. A RTP-2 não será sem Fer-

nando Lopes o que foi com ele. O seu afastamento trata-se de um caso típico de saneamento político, porquanto, segundo o próprio nos disse, o novo Presidente da RTP, Vitor Cunha Rego, afirmou-lhe que não tinha qualquer objecção em termos de competência e profissionalismo em relação ao realizador do «Belarmino». Se assim é, para além do novo presidente da RTP apostar na incompetência, ou pelo menos, de não apostar na competência, o que visa o afastamento de Fernando Lopes, senão transformar a RTP naquilo a que ele chama a «voz do dono»? Dos projectos que se fala para o segundo canal há pelo menos dois mais concretizados, a RTI e a TV-Globo. Se o primeiro caso é muito vago em termos de concretização o segundo já o não é tanto, pois a intenção daquela cadeia televisiva brasileira em utilizar o segundo canal como instrumento da sua penetração na Europa já é antiga. O que seria «uma desgraça nacional», pois, segundo Fernando Lopes, o nível médio daquela cadeia televisiva, que é uma espécie de subimperialismo neste domínio, é extremamente baixo, tendo um exemplo típico na série «Os Traquibões». Mas mais do que estes projectos interessa reter quais as intenções do Governo no que respeita à televisão, a herança que lhe fica da gerência Soares Louro e qual o significado da unificação dos dois canais.

Parece que ninguém põe em causa, quem fala é Fernando Lopes, a RTP como empresa de utilidade pública. Mas essa utilidade tem um preço e tem também uma rentabilidade que não se mede só por números, coisa que o Governo AD parece querer-nos impingir a todos glossando aquela figura do «Planeta dos Homens» que dizia «o meu negócio é números». Há coisas que se não podem quantificar. Uma delas é o valor de certos serviços que a RTP presta, como são por exemplo os programas escolares que fazem com que a televisão esteja a funcionar quase desde manhã. Ora todos esses serviços foram renovados e melhorados pelo João Soares Louro e tornando esta empresa possível e viável para os próximos cinco anos, pelo menos. No conjunto da programação para além da alternativa RTP-2 e no conjunto da programação, apesar dos er-



«A RTP-2 prestou um serviço à colectividade»

ros e sobressaltos porque se passou, erros e sobressaltos que são muito dependentes dos próprios humanos do poder de quem a RTP está muito dependente, a melhoria global foi visível. Aliás o poder, e este pelo que se está a ver mais do que nenhum outro, não estão dispostos a largar de mão a RTP a deixá-la ser independente, porque ela pode de facto ser independente e autónoma.

Mas essa independência não pode ser apenas económica e financeira, ela tem de ser independente e autónoma também ideologicamente. A RTP não tem de ser um instrumento ao serviço do poder ela deve ser um instrumento ao serviço da colectividade. Até porque não representando o Governo AD o país como um todo, a parte que não votou AD deve também poder exprimir-se e ter a sua voz na televisão.

Isso deveria ser assim Fernando Lopes. Mas as intenções governamentais não são essas, não é verdade?

De facto eu temo é que neste momento, e tudo me indica que é isso que se está a fazer, se entre na tal manifestação ao nível da programação, com a diminuição da programação portuguesa, por razões económicas, porque é mais caro fazer programas portugueses e acima de tudo porque se correm mais riscos, isto é, fazendo-se programas portugueses pode haver sempre uns «Anos do Século», mas, para mim, ainda bem que tal pode acontecer.

Mas acima de tudo penso que a comunicação vai passar a ser controlada, dirigida, anestesiada e que vai dar ao país a ideia de que nada acontece, que está tudo no melhor, dos melhores dos mundos. A crítica, a contestação vão assim deixar de ter voz num meio de massa como é a televisão.

Daí a centralização...

Sim daí a centralização. Não há reestruturações que não tenham um sentido político. E esta tem um sentido político, completamente oposto do sentido político da reestruturação feita pelo João Soares Louro que era um projecto democrático. O que está agora a fazer-se, no meu ponto de vista, é que, ao unificar a informação e a programação também se unifica as mensagens. Esta aliás é uma operação muito subtil e inteligente, que não deve ser minimizada.

Os tubarões e a clientela

Centralizar, massificar, controlar, anestesiar palavras cuja ligação e conteúdo concretos, neste caso, é a transformação da RTP num instrumento directo do Governo, num subserviente órgão da política da Aliança Democrática. Mas a transformação operada, segundo nos afirma Fernando Lopes, tem também os seus custos para o seu Presidente, Vitor Cunha Rego.

É que, segundo o realizador de «Uma Abelha na Chuva», Cunha Rego cedeu às pressões da «ala mais ordinária» da direita portuguesa, e tem agora que haver-se com toda uma velha clientela que começa a aparecer na televisão, reivindicando os lugares a que se julga com direito.

Clientela que aparece não em nome da competência profissional, do «savoir faire», mas apenas em busca de lugares. Para tanto exigiram a cabeça de Soares Louro e Fernando Lopes, pretenderam calar o canal a que, com razões evidentes, chamavam o «canal vermelho». Os tubarões, como lhes chama Fernando Lopes, ganharam. E agora Vitor Cunha Rego?

Um filme em perspectiva

Mas a vida não pára. A Fernando Lopes projectos não faltam. Para já um filme, «Maria vai com as outras», para o qual tem um subsídio concedido já há dois anos; depois uma participação numa co-produção televisiva de vários países europeus na qual cabe a Fernando Lopes a realização de um filme sobre o fim da Monarquia e o princípio da República em Portugal. Em termos televisivos, no futuro, a participação neste tipo de produções. Só.

Provavelmente pouco para nós que nos habituamos a associar qualidade televisiva a Fernando Lopes. Pouco para um homem que vive da e para a televisão desde 1957, que dela saiu nos princípios dos anos 60 com a entrada de Manuel Maria Múrias, que se recusou a regressar aquando do controlo exercido na RTP pelo Partido Comunista e que a ela regressou em força com Soares Louro.

Apesar disso, no entanto, e como diria aquele funcionário da RTP, em termos televisivos, «Nós por cá todos Lopes».

- FUI NOMEADO PELO ENTÃO MAJOR EANES PARA DIRIGIR UM SEGUNDO CANAL AUTÓNOMO: A NOMEAÇÃO VEIO NO 11 DE MARÇO, DIA EM QUE EANES FOI SANEADO PELO PC. NÃO ACEITEI FICAR.
- A RTP NÃO TEM DE SER UM INSTRUMENTO AO SERVIÇO DO PODER, ELA DEVE SER UM INSTRUMENTO AO SERVIÇO DA COLECTIVIDADE
- SOARES LOURO APLICOU AQUI UM PROJECTO DEMOCRÁTICO, NO QUAL TÍNHAMOS VERDADEIRA AUTONOMIA E LIBERDADE DE ACTUAÇÃO
- A TV-GLOBO QUERIA E QUER FAZER DO SEGUNDO CANAL UM ENTREPOSTO PARA OS PAÍSES DE LÍNGUA PORTUGUESA
- ESTOU A VER AGORA APARECER NA TELEVISÃO UMA VELHA CLIENTELA SEQUIOSA DE LUGARES